

1179

Vai ao encontro de quem precisa.  
Maria foi visitar a sua prima Isabel.  
A sua presença,  
as suas palavras e companhia  
foram de grande estímulo para Isabel.  
Há pessoas que precisam de ti,  
da tua presença, das tuas palavras,  
da tua companhia.  
Tu podes levar muita esperança,  
muita fé e muito amor aos outros.  
Ajuda os demais a levantar-se.  
Deus levanta-Se  
quando uma pessoa se levanta.



## TODOS OS SANTOS

### “BEM-AVENTURADOS SEREIS ”

O Sermão da Montanha (Mateus 5-7) é o primeiro dos cinco grandes discursos do evangelho segundo S. Mateus. Este ‘discurso’ começa com a proclamação das bem-aventuranças: as primeiras oito, formuladas na terceira pessoa do plural, possuem um sentido sapiencial e universal; a última (nona!), na segunda pessoa do plural, é proposta de modo prático aos ouvintes: «*Bem-aventurados sereis, quando...*».

O insulto, a perseguição, a mentira são realidades vividas pelos membros da comunidade à qual se dirige, em primeiro lugar, o evangelho segundo S. Mateus, em especial durante o reinado do imperador Domiciano.

As bem-aventuranças não são um código de leis ou obrigações, cujo cumprimento escrupuloso garante a salvação. Tampouco são uma lista de deveres que os cristãos têm de cumprir para apresentar a Deus, esperando receber dele o prémio da salvação. Isso seria mais uma atitude farisaica, em diversas ocasiões denunciada e condenada pelo Mestre.

Jesus Cristo propõe uma atitude para toda a vida, uma disposição interior de entrega, sem condições nem reservas, aos valores do Evangelho. O desafio é crescer todos os dias no amor.

Por isso, as bem-aventuranças não são um texto apenas para ler ou aprender de cor. São um projeto que só ganha sentido quando se experimenta na prática. É o (único) estilo de vida que Jesus Cristo nos propõe: dar o nosso contributo para que o amor de Deus incarne nas realidades pessoais e sociais; colocar o amor de Deus no coração do mundo.



# INTENÇÕES das EUCARISTIAS:

## SEGUNDA

- 18,30 horas — **VILELA**—por todos os fiéis defuntos; aniv. por Parécidio Serafim Vilela e esposa, m.c. os filhos; por David Alves Pereira, m.c. a família; pelos Almas do Purgatório e familiares de Agostinho Barros Rodrigues.
- 19,30 ” — **IGREJA**—por todos os fiéis defuntos; por Alfredo Augusto Lopes Fernandes, irmãos e pais, m.c. a família; por Arlindo Sampaio Vieira, Manuel Barbosa Vieira, pais, sogros e familiares de Rosa de Jesus Fernandes Barbosa; por João Veloso, Rosalina dos Anjos e António Veloso, m.c. a família.

## TERÇA

- 18,30 horas — **VILELA**—7.º dia por Parécidio Barros de Carvalho, m.c. a esposa; por Amândio José de Castro, m.c. a família; por Delfim Rodrigues e filho, m.c. a esposa; pelos avós e tios de Glória Rocha Pereira.
- 19,30 ” — **SANTUÁRIO**—aniv. por Adelaide Rosa da Silva, m.c. a família; aniv. por Celestino Vaz, m.c. a esposa Alzira; por Alfredo Augusto Lopes Fernandes, irmãos e pais, m.c. a família.

## QUARTA

- 18,30 horas — **VILELA**—por Custódio Gomes de Matos, m.c. a família; por José Carvalho, m.c. o filho Agostinho Carvalho; por M.ª Aurora Soares de Almeida e familiares, m.c. a filha; pelos associados da Irmandade de N.ª Sr.ª das Maravilhas.
- 19,30 ” — **SANTUÁRIO**—pelos intenções de Rui Moutinho e de Ana M.ª Morais; aniv. pelo Sr. P. Manuel Magalhães dos Santos, m.c. M.ª Emília Queirós Pereira; por Virgínia do Carmo Araújo, m.c. os filhos.

## QUINTA

- 19,30 horas — **SANTUÁRIO**—aniv. por João de Sousa Machado, m.c. a família; por Joaquim Gomes de Castro, m.c. o filho João Henrique Oliveira Castro; por António Lopes Fernandes, m.c. a esposa e filhos.

## SEXTA

- 18,30 horas — **VILELA**—aniv. por Augusta de Jesus Monteiro, marido e filhos, m.c. M.ª Conceição Sousa; aniv. por M.ª da Luz Gomes Soares e marido, m.c. a família Matos; por Martinho José Rodrigues e familiares de Domingos da Silva e M.ª Aurora de Barros Rodrigues; por Custódio Macedo, filho e neta, m.c. M.ª Isabel Gonçalves.
- 19,30 ” — **SANTUÁRIO**—pelos Associados do Sagrado Coração de Jesus; por António Lopes Fernandes, m.c. a esposa e filhos; por António Lopes, Domingos Pereira, Augusta e Adelino Pereira, m.c. a esposa.

## SÁBADO

- 18,00 horas — pelo povo.
- 19,00 ” — **QUINTELA**—aniv. por Amândio Rodrigues da Silva, António Rodrigues da Silva e familiares, m.c. a sobrinha Céu; por Manuel Gonçalves e família de Aurora Magalhães; por José Joaquim Coimbra Afonseca, m.c. o amigo Paulo (França); por Domingos Gonçalves da Silva, m.c. o Coração de Jesus.

## DOMINGO

- 08,00 horas — por Alfredo Martins de Sousa, m.c. o filho Alberto Sousa; por Joaquim Rodrigues, mãe, sogros e familiares, m.c. a família; por Manuel José Gomes, esposa Camila Nascimento Costa e Deolinda dos Prazeres Silva, m.c. a família; por Américo Lemos, Emília de Araújo, João Veloso, Rosalina Anjos Couto e António Veloso, m.c. Manuel Lemos; pelos Almas do Purgatório, m.c. o nicho do Bobeiro; por Abílio Moreira e Aurora de Lima; por Fernando Augusto Barros Oliveira, António Joaquim Barros Oliveira, M.ª Júlia Barros Oliveira, António José Pinto Oliveira, José Alberto Macedo Pinto e M.ª da Glória Macedo Pinto, m.c. o filho Manuel Pinto Oliveira; por Hilário Pereira, esposa, Ernesto Silva, esposa e familiares de Virgínia Pereira.
- 09,00 ” — **VILELA**—pelo povo.
- 10,30 ” — **SANTUÁRIO**—pelos irmãos da Confraria de Nossa Senhora de Porto de Ave; por Isaura Moura e filho, m.c. Armandina Moura.



A pandemia, para além de uma responsabilização geral na prevenção e luta contra a sua tirania que atemoriza e responsabiliza, pode ser um acontecimento de graça do qual extraímos lições para a vida pessoal e pastoral. Nada ficará igual, tem sido referido com insistência. Saibamos aproveitar o que inevitavelmente bate à nossa

porta. Não podemos ficar paralisados porque há sempre uma visão positiva a considerar.

No calendário da vida cristã, o dia de Todos os Santos e dos Fiéis Defuntos surge como um momento que convida a pensar nos entes falecidos e a visitar os cemitérios, mas sem nunca cair em aglomerados.

Na profissão de fé afirmamos a ressurreição dos mortos e a comunhão dos santos. Sabemos que os nossos entes falecidos estão agora vivos em Deus e, por isso, estamos unidos a eles, agradecendo o que foram para nós, pedindo que nos acompanhem com o seu amor e rezando para que Deus os admita no seu seio. Em Deus todos vivem na comunhão dos santos. (Lc 20, 38)

Esta verdade da fé encontrou, ao longo da história, a sua expressão máxima na devoção aos mortos, tradicionalmente realizada durante o mês de novembro e que mostra a caridade para com os que partiram. Outrora este mês tinha uma grande vivência nas nossas comunidades. É importante revitalizar esta devoção.

Podemos fazê-lo mandando celebrar Eucaristias em vários momentos mas particularmente nos aniversários da morte ou do nascimento. A Igreja sempre aconselhou esta vivência comunitária. Depois, a oração, pessoal ou familiar, torna-se momento privilegiado para esta relação constante com os que partiram. Estamos a redescobrir a família como Igreja doméstica e a oração em família pelos mortos pode ser um pormenor a introduzir nos hábitos familiares. As esmolas pelos mortos foram sempre praticadas e hoje devem ser incrementadas perante as inúmeras necessidades. Há pobres e necessitados nas paróquias.

A pandemia, perante a vulnerabilidade e precariedade da vida, convida-nos a redescobrir o sentido da vida e a nossa ligação aos entes falecidos. Esta passa pela oração, na Eucaristia e na vida pessoal e familiar, pelas esmolas e por todas as experiências de caridade. Tudo isto vale muito mais que todas as flores, círios ou sepulturas ornamentadas. Para além de tudo isto, alerta ainda para um sinal existente em muitas ruas e caminhos das nossas aldeias. Outrora foram-se construindo “alminhas” que hoje estão abandonadas. Passar por elas deveria convidar ao silêncio e a elevar uma prece por quem já partiu. Não é esta uma oportunidade para as recuperar, restituindo o significado que sempre tiveram: o convite à oração?

Na responsabilidade que me toca, deixo esta simples partilha, com o sentido de aproveitarmos este mês para revitalizar um artigo da nossa fé. Todo o mês de novembro deverá ser uma oportunidade para concretizar uma solicitude real pelos nossos irmãos defuntos, com a consciencialização de que, com eles, teremos de percorrer um caminho de santidade.

A vida deve ser encarada como um projeto de santidade. Deus criou-nos para, depois de uma breve peregrinação na terra, vivermos em comunhão eterna com todos os que O amaram (2 Tim 2, 8-13). No caminho da caridade e em comunhão eclesial, celebrar os mortos terá de ser sempre um apelo à santidade, como vocação universal.

Convido a que olhemos para o essencial. As flores são importantes como sinal de amor mas podem valer muito pouco quando ficamos apenas nisso e nos gastos talvez exagerados. O aglomerado de familiares à volta das sepulturas deverá ser substituído pela revitalização de coisas já esquecidas e por novos hábitos que sublinhem as verdades em que acreditamos. Assim aconteça!